

A REFERÊNCIA AO DISCURSO DE OUTREM E PERSUASÃO ACADÊMICA NA INTRODUÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS DE INICIANTES

The reference to the discourse of others and academic persuasion in the introduction of scientific papers written by beginners

Vitor VILAR

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
vitorvilar@alu.uern.br
<https://orcid.org/0000-0003-3584-7853>

Anny Angélica de Assis Maia de LIMA

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
annyangelica@alu.uern.br
<https://orcid.org/0000-0002-8659-4561>

Nara Karolina de Oliveira SILVA

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
narasilva@alu.uern.br
<https://orcid.org/0000-0001-5306-4161>

José Cezinaldo Rocha BESSA

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
cezinaldobessa@uern.br
<https://orcid.org/0000-0003-4655-6832>

RESUMO: O discurso de outrem é um recurso de linguagem do qual os pesquisadores se utilizam para referenciar seus pares e construir conhecimento científico. Além de sua dimensão dialógica, referir-se ao discurso de outrem desempenha papel fundamental na persuasão acadêmica. Por assim entendermos, e considerando o propósito de conhecer especificidades que caracterizam a escrita científica de pesquisadores iniciantes, objetivamos, neste trabalho, examinar formas e funções da referência ao discurso de outrem e o papel delas na persuasão acadêmica na introdução de artigos científicos produzidos por estudantes de iniciação científica. Como ancoragens teóricas, assumimos trabalhos que discutem a escrita acadêmico-científica em perspectiva sociorretórica e enunciativo-discursiva. Do ponto de vista metodológico, o estudo se caracteriza como uma pesquisa de natureza interpretativa e abordagem qualitativa. O *corpus* de análise se constitui de 20 seções de introdução de artigos científicos produzidos por estudantes de iniciação científica da área de Linguística publicados em um periódico científico. As análises apontam que, na introdução dos artigos, os iniciantes mobilizam di-

versas formas e funções de referência ao discurso de outrem. Apontam ainda uma forte ausência de palavras de outrem para sustentar afirmações e definições feitas pelos iniciantes, o que acaba comprometendo a força persuasiva de seus dizeres nessa seção.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso de outrem; Persuasão acadêmica; Artigos científicos; Pesquisadores iniciantes.

ABSTRACT: The discourse of others is a language resource that researchers use to reference their peers and build scientific knowledge. In addition to its dialogic dimension, referring to the discourse of others plays a fundamental role in academic persuasion. And thus we understand, it and considering the purpose of knowing specificities that characterize the scientific writing of beginning researchers, we aim, in this work, at examining forms and functions of reference to the discourse of others and their role in academic persuasion in the introduction of scientific articles produced by students of scientific research. For this research we are based on works that discuss academic-scientific writing in a socio-rhetorical and enunciative-discursive perspective. From the methodological point of view, the study is characterized as interpretative research with a qualitative approach. The corpus of analysis consists of 20 introductory sections from scientific articles produced by undergraduate students in the field of Linguistics published in a scientific journal. The analyzes show that, in the introduction of the articles, the beginners make use of different forms and functions of reference to the discourse of others. They also point to a strong absence of other people's words to support statements and definitions made by beginners, which ends up compromising the persuasive force of their sayings in this section.

KEYWORDS: Discourse of others; Academic persuasion; Scientific papers; Novice researchers.

INTRODUÇÃO

O discurso de outrem é um recurso de linguagem do qual os pesquisadores se utilizam, em seus manuscritos, para referenciar seus pares e construir conhecimento científico. A relação dialógica que se estabelece mediante o uso do discurso do outrem é “uma indicação substancial da dependência de um texto do conhecimento contextual e, portanto, uma peça vital na construção colaborativa de novos conhecimentos entre escritores e leitores”¹(HYLAND, 1999, p. 343). Além de sua dimensão eminentemente dialógica, a referência ao discurso de outrem desempenha, também, papel fundamental na persuasão acadêmica (HYLAND, 2005), porquanto lança base a uma nova pesquisa, permitindo traçar justificativas convincentes a novas propostas de pesquisas, identificar lacunas ou corroborar ideias, marcar relação de aliança com um determinado autor ou de distanciamento de suas posições, assim como colocar em realce uma abordagem ou perspectiva teórica, dentre outras possibilidades de conexões entre textos, pesquisas e pesquisadores.

Levando em consideração, ademais, que iniciantes no universo da escrita acadêmico-científica não se encontram plenamente familiarizados com convenções e práticas de suas culturas disciplinares como os pesquisadores *experts*, podendo, portanto, enfrentar dificuldades em relação ao domínio do gênero e à linguagem especializada implicada na produção de textos acadêmico-científicos (BAZERMAN, 2014), julgamos pertinente lançar um olhar sobre o modo como esses sujeitos iniciantes mobilizam o discurso de outrem. Para além de contemplar o foco no exame do gênero e da cultura disciplinar, interessa-nos considerar, também, o aspecto do estágio de formação do pesquisador. É nosso propósito, desse modo, conhecer especificidades que caracterizam a escrita científica de sujeitos que estão numa condição de iniciação e de aprendizado dos meandros da escrita científica (PINTO, 2018a, 2018b) e de apropriação de convenções de sua cultura disciplinar (BAZERMAN, 2014).

Nesse sentido, nosso foco, neste trabalho, consiste em investigar formas e funções de referência ao discurso de outrem na introdução de artigos científicos produzidos por pesquisadores iniciantes, mais precisamente por estudantes de iniciação científica da área de Linguística. Além disso, interessa-nos examinar o papel da referência ao discurso de outrem na persuasão acadêmica, tal como entendida por Hyland (1999) e Latour (2000),

1 Tradução do original em inglês sob nossa responsabilidade: “Explicit reference to prior literature is a substantial indication of a text’s dependence on contextual knowledge and thus a vital piece in the collaborative construction of new knowledge between writes and readers”. (HYLAND, 1999, p. 343).

na introdução dos textos dos iniciantes. Fundamentamo-nos teoricamente em estudos de perspectiva sociorretórica e enunciativo-discursiva, que se voltam para a escrita acadêmico-científica, com base em autores como Boch e Grossmann (2002), Bazerman (2006; 2014), Rinck, Boch e Grossmann (2006), Petrić (2007), Hiltunen (2010) e Hyland (1999, 2005), dentre outros. Para alcançar os objetivos traçados, desenvolvemos uma análise interpretativa e qualitativa da seção de introdução de 20 artigos científicos publicados por estudantes de iniciação científica da área de Linguística na revista *Ao Pé da Letra*.

Além de visar contribuir com outros trabalhos do campo dos estudos da linguagem que se dedicam à investigação da escrita acadêmico-científica, este artigo representa uma perspectiva de trazer contribuições relativas à compreensão da construção da seção de introdução de artigos científicos, considerando a especificidade que é a escrita de um pesquisador iniciante. Representa, ademais, a possibilidade de se pensar pedagogias de escrita de artigos científicos mais eficazes e suscitadoras da força persuasiva da introdução de tais textos e, por conseguinte, melhorar a qualidade das produções científicas de pesquisadores em estágio inicial de formação.

O presente texto está organizado da seguinte maneira: além desta introdução, em que delineamos a proposta do trabalho, temos uma seção de ancoragem teórica, em que reportamos os princípios teóricos centrais que fundamentam o estudo; uma seção de metodologia, na qual descrevemos as escolhas metodológicas e os procedimentos analíticos que orientam a realização da pesquisa; a seção de análise e discussão dos resultados, na qual apresentamos a análise realizada sobre os usos e as funções da referência ao discurso e seu papel na persuasão acadêmica; e, por fim, a conclusão, em que sintetizamos os achados e tecemos nossas considerações sobre o estudo.

ANCORAGENS TEÓRICAS

Na presente seção de fundamentação teórica, reportaremos os princípios teóricos que orientam nosso estudo. Nesse sentido, discutiremos sobre: i) gênero do discurso, comunidade (cultura) disciplinar, dialogismo e persuasão acadêmica – aspectos centrais para a depreensão da escrita acadêmico-científica em conformidade com as ancoragens teóricas assumidas; ii) a referência ao discurso de outrem: formas e funções.

Gênero do discurso, comunidade (cultura) disciplinar e a constituição da escrita científica

Os gêneros do discurso possibilitam as interações e as relações entre as pessoas nas mais diversas esferas da atuação humana, desde as mais simples às mais complexas situações de intercâmbio verbal (BAKHTIN, 2016). Nesse sentido, os gêneros do discurso são formas *relativamente estáveis de enunciados* que permitem os sujeitos interagir socialmente uns com os outros em suas esferas da atividade. Nos termos de Bakhtin (2016), todo dizer se molda ao seu contexto de produção, circulação e recepção, o que reforça, portanto, o pressuposto segundo o qual há um vínculo estreito e indissociável entre linguagem e vida, linguagem e sociedade.

No caso das práticas discursivas da esfera acadêmico-científica, que mais particularmente nos interessam aqui, os gêneros do discurso são concebidos como fenômenos eminentemente sociais que possibilitam as ações e práticas dos sujeitos pesquisadores em suas comunidades (ou culturas) disciplinares, conforme os objetivos que estes têm nas suas trocas comunicativas (HYLAND, 1999, 2015). O gênero é, dessa maneira,

[...] a interface entre o indivíduo e a comunidade: os modos pelos quais os acadêmicos que, ao mesmo tempo que constroem seus textos, também se constituem como membros disciplinares competentes que têm algo de valor a expressar. (HYLAND, 2015, p. 2)².

Considerando o que afirma o autor, as comunidades disciplinares agem na constituição dos sujeitos que a compõem e, conseqüentemente, no modo como escrevem e estruturam seus textos (HYLAND, 2009, 2015; HILTUNEN, 2010; NAVARRO, 2014; BAZERMAN, 2014) e socializam o conhecimento que produzem. Isso se dá porque, como pontua Bazerman (2014, p. 11), “cada disciplina cria novas formas de ver o mundo, novas formas de pensar suas problemáticas e novas formas de atuar nele”³.

2 Tradução do original em inglês sob nossa responsabilidade: “Genre, then, is the interface between individual and community: the ways that academics who, at the same time as they construct their texts, also construct themselves as competent disciplinary members who have something worthwhile to say”. (HYLAND, 2015, p. 2).

3 Tradução do original em espanhol sob nossa responsabilidade: “Cada disciplina genera nuevas formas de ver el mundo, nuevas formas de pensar sus problemáticas y nuevas formas de actuar en él”. (BAZERMAN, 2014, p. 11).

Desse ponto de vista, são os membros experientes que ditam as convenções retóricas da cultura disciplinar, as quais incluem desde as formas de organização dos gêneros do discurso, os objetivos sociodiscursivos, os recursos linguísticos típicos, as marcas de subjetividade, ao uso das palavras de outrem (BESSA, 2016). Assim sendo, a participação ativa e competente de membros novatos em uma determinada comunidade discursiva depende do reconhecimento e do domínio de tais convenções ditadas pelos mais experientes, tal como assinalam Navarro e Brown (2014, p. 67):

[...] os novos membros devem reconhecer, adquirir e, eventualmente, negociar e modificar as práticas letradas de sua comunidade. Pertencer a uma cultura disciplinar é participar de um conjunto de práticas de leitura e escrita consensuais [que exigem] o manejo competente dessas práticas.⁴

Diante disso, é preciso considerar que o processo de inserção do pesquisador novato nas práticas comunicativas da sua cultura disciplinar de forma ativa e competente nem sempre se dá de forma muito tranquila, uma vez que ele se vê confrontado com a necessidade de, dentre outros aspectos, estabelecer diálogo com as produções dos pesquisadores mais experientes, referenciando-os e posicionando-se em relação a eles, com vistas a constituir, assim, sua própria voz a partir do diálogo com o coro de vozes de tais pesquisadores. Não por acaso Boch (2013) afirma que o recurso do empréstimo das palavras de outrem, na escrita científica, permite ao iniciante “[...] se familiarizar com os conceitos do campo de referência e adotar uma voz de autor e uma retórica própria ao discurso científico”⁵ (BOCH, 2013, p. 561).

Como prática essencialmente dialógica, a escrita de textos científicos supõe, portanto, o manejo das palavras de outrem, como também uma dimensão persuasiva, como lembra Hyland (2009). Conforme o autor, “a inclusão de referências de trabalhos de outros autores é, obviamente, fundamental para a persuasão acadêmica”⁶. (HYLAND,

4 Tradução do original em espanhol sob nossa responsabilidade: “los nuevos miembros deben reconocer, adquirir y, eventualmente, negociar y modificar las prácticas letradas de su comunidad. Pertener a una cultura disciplinar es participar de un conjunto de prácticas de lectura y escritura consensuadas, [que exigem] el manejo competente de esas prácticas”. (NAVARRO; BROWN, 2014, p. 67).

5 Tradução do original em francês sob nossa responsabilidade: “[...] se familiariser avec les concepts du champ de référence et d’adopter une voix d’auteur et une rhétorique propre au discours scientifique à travers des emprunts à d’autres auteurs”. (BOCH, 2013, p. 561).

6 Tradução do original em inglês sob nossa responsabilidade: “The inclusion of references
Revista X, v. 18, n. 01, p. 166-192, 2023.

2009, p. 10). Ainda nesta linha de pensamento, Latour (2000) ressalta a função central que a referência a trabalhos de outros autores ocupa na escrita acadêmico-científica. Para Latour (2000), a ausência ou a presença de referências pode classificar os textos em não-fictícios e fictícios. Em outras palavras, os textos típicos da esfera acadêmico-científica classificam-se como os não-fictícios, pois objetivam dialogar, cientificamente, com a comunidade em que se encontram, para que sejam divulgadas pesquisas, ideias e teses.

Latour (2000) enfatiza ainda que o efeito de fazer referência a outros autores não se trata de uma questão de prestígio ou de número, mas de fortalecer a força persuasiva do argumento. Do ponto de vista desse autor, se a presença ou a ausência de referências é determinante para se “medir” a força persuasiva do texto, é extremamente importante, portanto, que elas sejam feitas corretamente e de forma adequada ao contexto de uso. Latour (2000) alerta, ademais, que não basta apenas empilhar um “monte de referências”, porque não é esse procedimento que possibilitará que o pesquisador tenha um argumento forte e consistente, mas seu uso estratégico, cuidadoso e consciente, ajustado às teses que ele defende.

Dessa forma, o empréstimo das palavras de outrem de forma demarcada, na tessitura do texto, faz-se imprescindível à construção e à socialização de um conhecimento que se propõe como científico. Não obstante, como têm observado vários estudiosos, como Boch e Grossmann (2002), Rinck, Boch e Grossmann (2006), Petrić (2007) e Bessa (2017a, 2017b), os jovens pesquisadores, inicialmente, não gozam de uma personalidade própria frente à comunidade e aos discursos aos quais é exposto. Ao referenciar o outro, na maioria das vezes, usam-no como validação a seus argumentos, sem raramente posicionar-se criticamente ou ainda, aludindo a Petrić (2007), evidenciam, com certa frequência, um grau considerável de dificuldade no manuseio das fontes, deixando, inclusive, de manifestar diversas funções inerentes às referências.

Nesse contexto, é preciso, pois, considerar que o novato se encontra em outro lugar na escala da formação como pesquisador e na relação com o saber, além de se colocar em outro plano em relação aos autores que cita, como postulam Reuter (1998, 2004) e Boch e Grossmann (2002). Nessa direção, Schembri (2009) aponta que, se o pesquisador experiente cita, geralmente, para demonstrar que seus resultados são novos, importantes e verdadeiros, o pesquisador inexperiente tende a citar para expor o conhecimento do campo em que se encontra situada a investigação. Os novatos revelam, como afirma Bazerman (2014), a construção de uma voz com característica mais meramente reprodutiva.

to the work of other authors is obviously central to academic persuasion”. (HYLAND, 2009, p. 10).

Não surpreende, nesse sentido, conforme apontam Pollet e Piette (2002), que os textos científicos de estudantes iniciantes demonstrem uso excessivo de citações diretas e frágil postura crítica diante dos autores citados. É preciso considerar, contudo, na linha do que defendem Boch e Grossmann (2002, p. 98), que “a escrita pessoal passa por uma gênese complexa, na qual o papel das referências e citações pode evoluir sensivelmente”. Como sinalizam Bazerman (2014) e Boch e Grossmann (2002), gradativamente, mediante a imersão nas leituras e através do contato com outros pesquisadores mais experientes e uma inserção mais efetiva na atividade científica, o pesquisador iniciante vai construindo autonomia para posicionar-se ante/na comunidade disciplinar à qual pertence, afastando-se, paulatinamente, da condição de um sujeito meramente reprodutor (BESSA, 2016).

Consideradas as compreensões construídas aqui sobre o funcionamento das práticas de escrita de textos acadêmico-científicos, focalizando aspectos como gêneros do discurso, dialogismo, persuasão acadêmica e cultura disciplinar, passemos, nas seções seguintes, à discussão mais específica sobre formas e funções do discurso de outrem nesses textos.

A referência ao discurso de outrem no texto científico: entre formas e funções do diálogo com a palavra de outrem

A referência ao discurso de outrem constitui, como já temos apontado aqui, elemento essencial na construção de um texto acadêmico-científico. Como atividade dialógica e colaborativa, a construção de novos conhecimentos dentro de uma comunidade discursiva se funda inevitavelmente mediante o diálogo que cada pesquisador estabelece com as produções que antecedem a sua (HYLAND, 1999). Reportar-se, portanto, às vozes de outros pesquisadores contribui não somente para dar cientificidade a uma produção, assegurar a interlocução entre pesquisadores, solidificar perspectivas de investigação, reconhecer as contribuições dos pares, dar credibilidade à própria produção (HYLAND, 1999; LATOUR, 2000; PENDERS, 2018), dentre outros aspectos; mas é, antes de tudo, condição de toda produção discursiva, afinal, moldamos nossas próprias palavras na conexão com as palavras e os textos dos outros sujeitos com os quais estabelecemos relações (BAZERMAN, 2011).

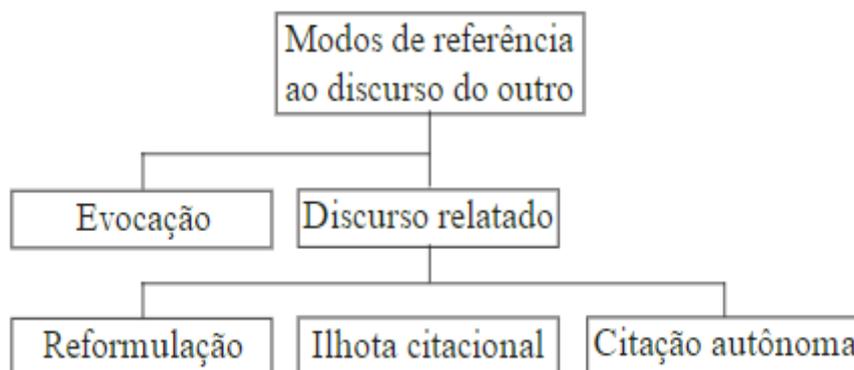
Assim sendo, independentemente do estágio de formação, reportar-se a outras vozes é uma condição a que se encontram submetidos todos aqueles que se envolvem com a produção de conhecimentos científicos. As formas e as funções da referência ao discurso de outrem que se manifestam em textos científicos tendem, por sua vez, a variar de acordo com a condição do pesquisador, conforme aponta estudo de Boch e Grossmann (2002).

Neste estudo, os autores demonstram, por exemplo, que os pesquisadores experientes apresentam um repertório muito mais amplo de formas de referência, assim como funções mais diversas, que aquelas mobilizadas por pesquisadores iniciantes.

É justamente este estudo de Boch e Grossmann (2002) que tomamos como base para o exame das formas e das funções da referência ao discurso de outrem nas introduções dos artigos científicos de nosso *corpus*.

A propósito das formas de referência ao discurso de outrem, apresentamos, na figura a seguir, um esquema com a tipologia proposta pelos autores:

Figura 1: Esquema com tipologia de modos de referência ao discurso de outrem



Fonte: Boch e Grossmann (2002)

Como podemos ver, na proposta tipológica formulada pelos autores, os modos de referência ao discurso de outrem estão distribuídos em dois grupos, a *evocação* e o *discurso relatado*, sendo que este último compreende três categorias, a saber: reformulação, ilhota citacional e citação autônoma. No quadro abaixo, sistematizamos definição e critérios identificadores de cada uma das formas da proposta desses autores.

Quadro 1: Formas de referência ao discurso de outrem: definição e critérios de identificação

Formas	Definição	Crítérios identificadores
Evocação	Ocorre quando o produtor do texto faz alusão a trabalhos sem pretender resumir seu teor.	<ul style="list-style-type: none"> Ausência de marcas introdutórias de discurso reportado (tais como: segundo X, como afirma X, ou equivalentes). Ausência de desenvolvimento temático do dizer do outro. Presença de um nome próprio de autor, frequentemente com data à qual o autor do artigo se refere, sem precisar o teor do texto.
Reformulação	Ocorre quando o produtor do texto integra a fala do outro em seu próprio dizer, assumindo-a do ponto de vista enunciativo.	<ul style="list-style-type: none"> Presença de marcas introdutórias do discurso reportado (segundo X ..., de acordo com X ..., para X ..., como X afirma ..., como X pretende ..., etc.). Ausência de marcas escriturais tais como aspas (ou verbais, como eu cito X, para retomar as palavras de X). O discurso do outro é integrado no discurso de quem escreve e não tem autonomia enunciativa.
Citação	Ocorre quando o produtor do texto reproduz fielmente o dizer do outro, sem realizar interferência sobre esse dizer.	<ul style="list-style-type: none"> Marcas, geralmente escriturais, como aspas, itálico ou bloco tipográfico, permitem identificar um segmento do texto como extraído de uma fonte externa; essas marcas podem, às vezes, ser substituídas por comentários metalingüísticos: eu cito X ..., para retomar as palavras de X ...); Autonomia enunciativa do segmento citado (salvo no caso da “ilhota citacional”).
Ilhota citacional	Permite tanto a integração quanto a colocação em evidência do segmento citado, pela marca escritural, graças ao itálico e às aspas.	<ul style="list-style-type: none"> Uso de marcas como itálico e aspas.

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Boch e Grossmann (2002, p. 100-101)

As funções da referência ao discurso do outro são, por sua vez, mais diversas e podem cumprir propósitos distintos de acordo com o estágio de formação do pesquisador, tal como aponta o estudo dos autores. Por isso, apresentamos, no quadro a seguir, o levantamento das funções da referência ao discurso do outro encontradas por Boch e Grossmann (2002) nos textos científicos tanto de pesquisadores iniciantes como de pesquisadores experientes.

Quadro 2: Funções da referência ao discurso de outrem em textos de iniciantes e experientes

Textos de pesquisadores iniciantes	Textos de pesquisadores experientes
Introduzir seu ponto de vista	Introduzir seu ponto de vista;
Sustentar uma definição	Marcar o pertencimento a uma corrente, a uma escola;
Fundamentar uma afirmação	Referir-se a trabalhos anteriores, para traçar o estado de uma problemática, para sustentar uma definição;
Justificar um comportamento	Fundamentar uma afirmação;
Introduzir uma ideia nova	Discutir uma afirmação, se afastar de uma posição.

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Boch e Grossmann (2002, p. 100-101)

Conforme mostra o quadro, há funções que são comuns às práticas de escrita científica tanto dos iniciantes quanto dos especialistas, tais como *introduzir um ponto de vista*, *fundamentar uma afirmação* e *sustentar uma definição*. Há, ademais, funções que são específicas de textos de especialistas e funções que são peculiares aos textos dos iniciantes. De acordo com Boch e Grossmann (2002), se, por um lado, *justificar um comportamento* e *introduzir uma ideia nova* são funções da referência ao discurso do outro específicas da escrita de iniciantes, por outro lado, eles não utilizam a palavra de outrem, como fazem os especialistas, para *marcar pertencimento a uma corrente ou escola*, tampouco para demonstrar *afastamento de uma posição*.

Por fim, cumpre destacar que, mesmo sem pretender modelar as práticas de citação dos iniciantes nas dos especialistas, como bem advertem Boch e Grossmann (2002), consideramos fundamental conscientizar, nas práticas de leitura e de escrita de textos científicos desenvolvidas na universidade, os iniciantes quanto à diversidade de formas e funções da referência ao discurso do outro na escrita científica e quanto ao papel delas na persuasão acadêmica e na construção dialógica do conhecimento científico.

METODOLOGIA

Dado o nosso propósito de identificar e analisar formas e funções da referência ao discurso de outrem e persuasão acadêmica na seção de introdução de artigos científicos de pesquisadores iniciantes da área de Linguística, este estudo se caracteriza como uma pesquisa de natureza interpretativa, tal como concebida por Laville e Dionne (1999). Além disso, como nosso foco se volta aos significados que o pesquisador constrói sobre os enunciados selecionados para exame, mediante o cotejo entre textos e contextos (GERALDI, 2012), a presente investigação configura-se ainda como um estudo de abordagem qualitativa.

O *corpus* de análise se constitui de 20 seções de introdução de artigos científicos produzidos por estudantes de iniciação científica da área de Linguística publicados em um periódico científico da área. O periódico escolhido foi *Ao pé da Letra*⁷, revista científica vinculada ao Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Criada em 1998, a referida revista se constitui um dos periódicos científicos mais consolidados no País dentro da proposta de divulgação de trabalhos de estudantes de graduação de nossa área.

A revista *Ao pé da Letra* é um periódico científico *on-line* de acesso aberto e de veiculação semestral destinada à divulgação de trabalhos, de cunho teórico e aplicado, produzidos por alunos de graduação em Letras de todo o País. O periódico encontra-se, atualmente, avaliado com o estrato B2 no *Webqualis* da área de Linguística e Literatura, de acordo com a última avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), correspondente ao período de 2013 a 2016.

Para constituição do *corpus*, foram selecionados especificamente artigos dos volumes dos últimos cinco anos (2017 a 2021), mais precisamente dos volumes 22.2, 22.1, 21.2, 21.1, 20.2, 20.1 e 19.2. Como critério para balizar essa seleção, definimos recortar produções mais atualizadas, partindo das que haviam sido publicadas no volume mais recente. A seleção do *corpus* foi orientada, ainda, pelos seguintes critérios: a) artigos científicos disponíveis *on-line*; b) artigos publicados em língua portuguesa; c) artigos empíricos⁸, nos termos da classificação e definição de Motta-Roth e Hendges (2010); d) artigos situados, teórico-metodologicamente, na área disciplinar da Linguística.

7 A página de acesso da revista é a seguinte: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/pedalettra/index>.

8 De acordo com as autoras, artigos empíricos são aqueles cujo “objetivo é apresentar e discutir dados sobre determinado problema dentro de uma área de conhecimento específica e fazer interpretações na forma de resultados de pesquisa” (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p. 67).

Após os procedimentos de seleção, coleta e codificação dos textos do *corpus*, as seções de introdução dos artigos passaram pelo trabalho de análise. Foram realizadas leituras e releituras das introduções dos artigos para identificarmos, com base nos achados do estudo de Boch e Grossmann (2002), tanto as formas quanto às funções da referência a outrem, e registrá-las, em seguida, juntamente com trechos/excertos de suas ocorrências, em quadros e tabelas

No decorrer da seção a seguir, os excertos dos artigos recortados para ilustrar a análise serão identificados por um código composto pelas letras AC, correspondente à abreviação de artigo científico, e um número cardinal, que compreende a ordem do artigo no *corpus*. Consta, além disso, na codificação, o número da página em que se encontra, no artigo, o excerto recortado para ilustração.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na presente seção, nosso interesse no estudo sobre a referência ao discurso de outrem na seção de introdução de artigos científicos de pesquisadores iniciantes contempla, inicialmente, a análise de formas e funções do discurso do outro, e, seguida, o exame acerca do papel da referência ao discurso de outrem na persuasão acadêmica.

Formas de referência ao discurso de outrem na seção de introdução de artigos

Para darmos conta da análise de formas de referência ao discurso de outrem nos textos dos iniciantes tomamos como base o trabalho de Boch e Grossmann (2002), já aludido na seção de fundamentação teórica deste artigo. Nesse sentido, realizamos, inicialmente, um levantamento das ocorrências das formas de referência ao discurso de outrem na seção de introdução dos 20 artigos científicos do *corpus*, cujos resultados são apresentados no quadro seguinte:

Quadro 3: Formas de referência ao discurso de outrem na introdução de artigos de iniciantes

ID	Citação	Reformulação	Ilhota citacional	Evocação	Total
AC01	0	1	0	0	1
AC02	0	2	1	2	5
AC03	1	3	0	2	6
AC04	2	3	0	0	5
AC05	0	4	0	2	6
AC06	0	1	0	0	1

AC07	0	0	0	0	0
AC08	0	1	0	0	1
AC09	0	0	0	0	0
AC10	0	2	0	3	5
AC11	0	3	0	0	3
AC12	0	1	0	0	1
AC13	0	0	0	4	4
AC14	2	3	1	0	6
AC15	4	0	0	6	10
AC16	1	0	0	7	8
AC17	0	0	1	4	5
AC18	1	1	0	6	8
AC19	1	0	0	0	1
AC20	0	0	0	6	6
Total	12	25	3	42	82

Fonte: elaborado pelos autores

Podemos observar que, embora recorram às diversas formas de referência ao discurso de outrem, os iniciantes não mobilizam, em geral, uma quantidade expressiva e diversificada dessas formas. Nenhum deles, por exemplo, mobiliza as 4 formas de referência da proposta tipológica tomada como parâmetro. Além disso, apenas 4 mobilizam pelo menos 3 dessas formas. Outros 6 ficam entre nenhuma e 1 forma de referência mobilizada. Esses dados sugerem que, a despeito de a introdução se constituir uma seção propícia à remissão a trabalhos já desenvolvidos na área, a referência ao discurso do outro não ocupa um lugar significativo nessa seção dos textos dos iniciantes.

Além disso, como mostra o quadro, duas são as formas de referência ao discurso do outro privilegiadas na seção de introdução dos artigos de iniciantes: a reformulação e a evocação. Há um evidente predomínio da evocação. Seu uso parece estar relacionado ao fato de o iniciante explicitar, já na introdução, autores e/ou aspectos teóricos da(s) perspectiva(s) teórica(s) que assumem e fundamentam o trabalho, como podemos verificar nos excertos⁹ a seguir:

Tomando como interesse essa fluidez e dinamicidade do hipertexto e embasada nos estudos da Linguística Textual, esta pesquisa busca analisar os processos referenciais (**CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014**) em tweets polêmicos, situados na rede social Twitter. (AC02, p. 1, grifos nossos)

9 Todos os excertos estão aqui transcritos como no original, exceto pelo destaque em negrito, que, quando devidamente destacado, foi por nós acrescentado.

Os autores que formam a base teórica apresentada neste artigo são os linguistas **Teun A. van Dijk (1993; 2005)**, **Penelope Eckert e Sally McConnell-Ginet (2003)**, a filósofa **Judith Butler (1990)**, com ênfase nos estudos do sociólogo **Don Kulick** junto à linguista **Deborah Cameron (2003)** e do próprio sociólogo **Kulick (2000)**. As menções a contribuições de **Michel Foucault e Sigmund Freud** no livro *Language and Sexuality (2003)* viabilizaram observar como suas pesquisas se articulam com os estudos acerca de língua e de orientação sexual. (AC16, p. 83, grifos nossos).

Nesses dois excertos, vemos que os iniciantes mobilizam o recurso da evocação ao fazerem menção aos autores para indicarem a base de fundamentação teórica dos seus trabalhos. Os produtores fazem alusão a trabalhos/estudos dos autores referidos na tessitura textual, recorrendo, geralmente, ao sobrenome científico e ao ano das obras, sem, porém, resumir o teor de tais trabalhos. Enquanto em AC02 os produtores fazem menção a um único trabalho assinado por três autores, em AC16 são referidos muitos trabalhos e vários autores, sinalizando modos singulares – os quais indicam, portanto, as especificidades de cada proposta de pesquisa – de estabelecer diálogo com os estudos da área.

A reformulação foi, também, uma das formas de referência ao discurso de outrem com relativa recorrência no *corpus*, manifestando-se em mais de 50% das seções de introdução dos artigos analisados. O uso dessa forma se dá com a apropriação das palavras de outrem mediante uma operação em que o produtor as integra ao seu próprio dizer, como se pode ver nos excertos que seguem:

Para Fairclough (2001), o discurso como prática social é coletivo e contribui para formação de sujeitos, estabelecimentos de relações sociais e construções de sistemas de conhecimentos e crenças. (AC05, p. 188, grifos nossos).

Este último autor [Marcuschi (2008)] defende que a língua ganha vida no seu funcionamento, que logicamente só acontece por meio da interação. (AC18, p. 58, grifos nossos).

Os excertos acima mostram que, no esforço de contextualizarem e/ou de problematizarem a temática de suas investigações, os iniciantes costumam reformular as palavras de estudiosos (no caso Fairclough (2001) e Marcuschi (2008), respectivamente) quando retomam, em seus trabalhos, concepções e/ou conceitos que eles julgam pertinente reportar. Como lembram Boch e Grossmann (2002), as marcas introdutórias (*Para Fairclough e Este último autor defende*), assim como a integração das palavras dos autores reportados no próprio dizer dos produtores, indicam a ocorrência da reformulação.

Ainda que mobilizada com bem menos recorrência, a citação é mais uma das formas de referência ao discurso de outrem que se manifesta na seção de introdução dos artigos científicos do nosso *corpus*. Chama atenção o fato de apenas 35% dos iniciantes mobilizarem a citação. Mesmo considerando-se a tendência de apego à reprodução literal de palavras na escrita científica de novatos, conforme aponta Bazerman (2014), é provável que, pelo fato de a introdução se tratar de uma seção geralmente mais curta e enxuta, os iniciantes acabam priorizando formas como a evocação e a reformulação. De todo modo, as citações são mobilizadas, pelos iniciantes, com finalidades como, por exemplo, explicitar uma posição de um autor da qual se compartilha ou de apresentar uma definição com a qual se identifica, como podemos ver nos excertos a seguir:

Conforme Flores (2012, p. 152), “[...] **muitos dos conceitos propostos por Benveniste têm valor primitivo, na medida em que fazem parte de outros conceitos. Na verdade, há na teoria benvenistiana uma rede de relações conceituais em que cada conceito é constituído por uma rede e é parte integrante dela.**” (AC04, p. 141, grifos nossos).

Já a nossa definição de escrita é pautada na ideia de que ela é “**espaço de interação/interlocução, em que o autor produz textos para interagir com seu(s) interlocutor(es), com vistas a alcançar algum objetivo**” (LEITE; PEREIRA, 2010, p. 4). (AC18, p. 58, grifos nossos).

Os dois excertos acima configuram o uso da reprodução fiel das palavras de outrem na tessitura da seção de introdução dos artigos dos iniciantes. Esses excertos mostram, mais precisamente, que os iniciantes retomam, sob a forma de citação direta, demarcada pela menção aos autores e ao ano e a página da obra e pelo uso das aspas, os dizeres de Flores e de Leite e Pereira, respectivamente, em relação aos quais os iniciantes manifestam posição de adesão.

A ilhota citacional foi, por sua vez, a forma de referência ao discurso de outrem menos recorrente no *corpus*, manifestando-se em apenas 3 dos artigos analisados, o que corresponde a 15% dos textos do nosso *corpus*. Como afirmam Boch e Grossmann (2002), por meio do recurso à ilhota citacional integra-se e coloca-se em evidência um segmento citado das palavras de outrem, tal como podemos observar nos excertos a seguir:

Segundo a autora, compreender a polêmica também permite entender que o dissenso, no estudo da retórica, é um comportamento importante para a tomada de decisões, tratando-se de um “[...] **motor incontestado da democracia**” (AMOSSY, 2017^a, p. 19). (AC02, p. 1).

À luz dessa perspectiva teórica, que prima pela implicação ativa do aprendente em seu processo de ensino-aprendizagem, buscou-se com este trabalho abordar a avaliação formativa como **“fonte de autorregulação”** (PERRENOUD, 1997, p. 6) e, conseqüentemente, de autonomização dos alunos, no seio da disciplina Aprender a Aprender Línguas Estrangeiras. (AC17, p. 40, grifos nossos).

Nos excertos acima, os produtores de AC02 e AC17 integram, na tessitura de seus dizeres, um pequeno segmento citado, destacado entre aspas, de palavras de autores (no caso Amossy e Perrenoud) que discorrem sobre aspectos conceituais relacionados às temáticas de cada investigação a ser desenvolvida, o que denota que esses produtores se autorizam a reproduzir indiretamente a palavra de outrem e, ao mesmo, tempo sentem a necessidade de destacar pequenos fragmentos dos dizeres, numa demonstração de colocar em realce certas palavras dos autores reportados.

Como podemos perceber, os produtores mobilizam, na seção de introdução, as diferentes formas de referência a palavra de outrem da tipologia proposta por Boch e Grossmann (2002). Constatamos, portanto, que os estudantes mobilizam tanto formas que implicam reformulação quanto a transcrição literal de dizeres, com um ligeiro predomínio do uso de evocações e reformulações, o que indica que esses estudantes se esforçam muito mais para expressarem, com suas próprias palavras, os dizeres de outrem.

Constatamos, também, não haver restrição quanto ao uso de uma ou de outra forma de apoio na palavra de outrem na seção de introdução dos artigos produzidos pelos iniciantes, ainda que a evocação se mostre ligeiramente predominante, o que se justifica pelo fato de seu uso estar associado, geralmente, ao propósito dos produtores de demonstrarem filiação a determinadas perspectivas teóricas, sem a necessidade de se reportarem, explicitamente, a concepções e/ou definições formuladas por outros estudiosos.

Funções da referência ao discurso de outrem na seção de introdução de artigos

Conforme já sinalizado neste trabalho, um discurso, quando referenciado, não é desprovido de intenções. Assim, a apropriação das palavras de outrem cumpre determinadas funções na construção de um enunciado. Nesse sentido, buscaremos, tomando como base a tipologia de Boch e Grossmann (2002), identificar e analisar funções que a referência ao discurso de outrem cumpre na introdução de artigos científicos produzidos por pesquisadores iniciantes.

Nossa análise identificou cinco funções da referência ao discurso de outrem nas introduções dos artigos selecionados, a saber: *fundamentar uma afirmação, sustentar uma definição, introduzir seu ponto de vista, demarcar a filiação a uma abordagem teórica ou corrente teórica e contextualizar a proposta de pesquisa a ser desenvolvida*. As quatro primeiras delas, identificadas na tipologia proposta por Boch e Grossmann (2002), foram as mais recorrentes em nosso *corpus*, com destaque para *fundamentar uma afirmação e demarcar a filiação a uma abordagem teórica ou corrente teórica*.

Com o propósito de melhor compreender como os estudantes iniciantes mobilizam, na seção de introdução dos artigos selecionados, o discurso de outrem com as funções por nós identificadas, trazemos, na sequência, o exame de cada uma delas:

a) **fundamentar uma afirmação** – o produtor reporta-se às palavras de outrem com vistas a fundamentar uma afirmação que ele faz em seu trabalho. Em AC05, o produtor mobiliza a voz de um estudioso na temática das mídias da informação, no caso Charaudeau, para fundamentar a afirmação que expressa em seu trabalho sobre o funcionamento dessas mídias:

Considera-se que as mídias de informação funcionam não somente com uma lógica simbólica de construção da opinião pública, mas também como fabricante de um produto que é definido por seu lugar no mercado (CHARAUDEAU, 2013). (AC05, p. 188).

b) **sustentar uma definição** – o produtor busca apoio nas palavras de outrem para sustentar uma definição, tal como se observa em AC03, em que o produtor se reporta, sob a forma de citação, a uma estudiosa do campo da Linguística Textual, mais precisamente Koch, para sustentar a definição de texto como entidade multifacetada, na qual ele se ancora para sua investigação.

Como se sabe, para Koch (2004, p. 175 apud KOCH e ELIAS, 2006, p. 31), o texto é uma “[...] entidade multifacetada [...]”, resultante de um processo de alta complexidade interacional, que “[...] envolve sujeitos, seus objetivos e conhecimentos” num propósito comunicativo. (AC03, p. 108).

c) **introduzir seu ponto de vista** – o produtor recorre às palavras de outrem para introduzir seu ponto de vista no contexto da proposta de investigação que pretende desenvolver. Conforme podemos ver em AC11, o produtor introduz sua posição sobre o problema do enfoque em informações superficiais no ensino de cultura a partir do recurso às palavras do estudioso Gómez Rodríguez:

[...] essas informações superficiais de cultura não são suficientes para os estudantes entenderem a cultura-alvo, visto que, como este método, eles apenas acumulam informações gerais e fixas, não havendo a oportunidade de abordar questões socioculturais subjacentes que ocorrem em diferentes contextos (GÓMEZ RODRIGUEZ, 2015). (AC11, p. 190).

d) demarcar a filiação a uma abordagem teórica ou corrente teórica – o produtor demonstra, em seu trabalho, que se ancora em determinada abordagem ou corrente teórica, seja relacionando autores/obras, seja mencionando pressupostos teóricos. No exemplo seguinte, temos o uso do discurso do outro com a referida função, quando observamos que o produtor de AC08 sinaliza sua filiação à abordagem sociocognitiva de Van Dijk:

Utilizamos a abordagem sociocognitiva de Van Dijk (2015, 2017), a qual se caracteriza pela triangulação discurso-cognição-sociedade para analisar a matéria. Optamos pela Análise do Discurso Crítica por ser uma vertente que se opõe ao discurso das elites, se propondo a analisar as estratégias e as estruturas de dominação e abuso de poder. (AC08, p. 298).

e) contextualizar a proposta de pesquisa a ser desenvolvida – o uso das palavras de outrem cumpre a função de apresentar uma contextualização da proposta de pesquisa que será desenvolvida. Podemos constatar o uso da referência ao discurso com essa função no AC01, em que o produtor, dentro de seu esforço de contextualizar e demarcar sua proposta de pesquisa, inicia a introdução de artigo reportando-se à noção de condições de produção assumida por Orlandi, situando como tal noção é concebida por esta estudiosa:

De acordo com Orlandi (2001), as condições de produção relacionam, principalmente, os sujeitos e a situação. Elas podem ser consideradas em dois sentidos [...]. Considerando as duas percepções, propomos a realização de uma análise que desenvolva uma reflexão sobre o conceito em questão. (AC01, p. 2).

O exame realizado aqui indica que os estudantes iniciantes mobilizam, na seção de introdução de artigos científicos, o discurso de outrem com variadas funções, que incluem desde *demarcar filiação a uma corrente teórica a sustentar uma definição*. A maioria das funções por nós identificadas encontram-se, pois, em consonância com os achados de Boch e Grossmann (2002), o que sinaliza a existência de práticas de uso da palavra de outrem comumente esperadas na escrita científica de iniciantes.

É possível perceber, portanto, que, na seção de introdução de artigos científicos, os iniciantes referenciam, com bastante frequência, a palavra do outro com o propósito de fundamentar afirmações e definir conceitos. Isso mostra que, no trabalho de contextualizar, problematizar e estabelecer a proposta de pesquisa, esses estudantes procuram construir e sustentar uma proposta de investigação apelando fortemente para o apoio em afirmações e definições de vozes de autoridades na temática, sem manifestar, contudo, questionamentos ou posição crítica frente aos dizeres e pontos de vistas assumidos por essas autoridades.

A referência ao discurso de outrem e persuasão acadêmica na seção de introdução de artigos

O exame acerca do papel da referência ao discurso de outrem na persuasão acadêmica na seção de introdução de artigos científicos produzidos por iniciantes constitui o propósito deste outro momento de nossa análise. A análise da persuasão acadêmica aqui empreendida se fundamenta na perspectiva de Hyland (1999) e Latour (2000), mais precisamente na compreensão de que a referência ao discurso de outrem cumpre importante papel no fortalecimento da força argumentativa de um texto científico.

Para darmos conta do objetivo delineado nesta seção, optamos por considerar o exame de 2 dos artigos científicos do nosso *corpus*. Com base no levantamento apresentado no Quadro 3 deste artigo, selecionamos exemplares de artigos cuja recorrência às formas de referência ao discurso de outrem se revelasse baixa e alta. Assim sendo, selecionamos os artigos AC01, nível baixo, e AC18, nível alto. Com vistas a uma compreensão da estruturação da introdução e do uso do discurso de outrem nos três artigos selecionados, apresentamos o quadro a seguir.

Quadro 4: Síntese de estrutura e uso do discurso de outrem em artigos

ID	Quantidade de parágrafos	Quantidade de formas de referência do discurso de outrem
AC01	4	1
AC18	5	8

Fonte: elaborado pelos autores

A síntese apresentada no quadro 4 nos permite visualizar que, embora estruturadas com quase a mesma quantidade de parágrafos, as seções de introdução dos dois artigos revelam diferentes dinâmicas no diálogo com a palavra de outrem e no trabalho de persuasão acadêmica. Enquanto em AC01, o delineamento da proposta de investigação revela um reduzido apoio no discurso de outrem, em AC18, há um esforço, por exemplo, não só de fundamentar afirmações, como também de sustentar definições e de demarcar filiação a abordagens teóricas.

Nas seções de introdução de ambos os artigos, não se constata, contudo, o uso do discurso de outrem para sinalizar remissão à literatura¹⁰, com vistas a contextualizar o estudo no campo de conhecimento e a apontar lacunas na área, no sentido de, por exemplo, sustentar a novidade e/ou contribuição da pesquisa a ser desenvolvida.

Feita essa análise mais geral dos dois artigos, passamos a examinar, a seguir, a seção de introdução de cada artigo científico separadamente.

Na introdução de AC01, o seu produtor faz uso de apenas uma forma de referência ao discurso de outrem, mais precisamente de uma reformulação, que é mobilizada logo no início do primeiro parágrafo, com a função de contextualizar e demarcar a proposta de pesquisa a ser desenvolvida. O produtor de AC01 mobiliza os dizeres de Orlandi sobre a noção de condições de produção, situando como a referida noção é concebida por esta estudiosa, e, logo, em seguida, no mesmo parágrafo, indicando a proposição de sua pesquisa.

Os três parágrafos seguintes de AC01 debruçam-se mais especificamente sobre o *corpus* selecionado (slogan) e o contexto histórico ao qual se refere o material recortado para análise. Eles não manifestam qualquer referência a discurso de outrem, a despeito de, no segundo parágrafo, o trabalho retomar uma distinção entre slogan e vinheta televisiva, em que são apresentadas definições e caracterizações desses dois elementos, como vemos a seguir:

As vinhetas são peças gráficas, de curta duração, que têm o intuito de chamar atenção do telespectador. São amplamente utilizadas pela mídia para estabelecer a identidade de uma marca ou empresa e criar impressões sobre o que está sendo apresentado. Já o slogan é definido como uma frase de efeito de fácil memorização, que resume as características daquilo que é transmitido para o público, considerando todos os processos que atuam no funcionamento da linguagem [...] (AC17, p. 2).

Como podemos perceber, ainda que apresente compreensões sobre vinheta e slogan, o produtor não relaciona tais compreensões a algum estudioso da temática, sinalizando, ao contrário, a omissão de referências que permitam fundamentar e sustentar o que é declarado, o que aponta, se tomamos os termos de Latour (2000), um certo comprometimento da força persuasiva do texto e de seu caráter científico.

10 A propósito, é importante sublinhar que dos 20 artigos do *corpus* apenas AC17 reportou-se ao discurso de outrem com o propósito de sinalizar a realização de revisão de literatura: *Diversos estudos sobre a autorregulação da aprendizagem* (RIBEIRO; SILVA, 2007; ROSÁRIO, 1997; ROSÁRIO et al., 2010) apontam para a necessidade de implementação de projetos que incitem o desenvolvimento de competências autorregulatórias [...]. (AC17, p. 40).

A introdução de AC18, por sua vez, revela o uso de 8 formas de referência ao discurso de outrem, das quais 6 delas são evocações, 1 é citação e 1 é reformulação. Mesmo a introdução estando estruturada em 5 parágrafos, o uso do discurso de outrem se concentra em apenas dois deles, mais precisamente no segundo e no quarto parágrafos.

No segundo parágrafo, o produtor mobiliza 3 evocações, reportando-se a estudiosos que discutem sobre a temática tratada, para sinalizar sua filiação à abordagem teórica mais macro adotada, no caso, a abordagem dialógica e sociointeracional. Ainda nesse mesmo parágrafo, o produtor mobiliza uma reformulação, para fundamentar uma afirmação sobre a concepção de língua, e uma citação, para sustentar a definição de escrita em que se ancora. Já no quarto parágrafo, o produtor recorre a mais 3 evocações, para sinalizar filiação a autores como *Toldo (2009)*, *Suassuna (2011)* e *Leite e Pereira (2010)*, que abordam tópicos mais específicos da temática: texto, revisão e reescrita e formação docente.

Se no segundo e quarto parágrafos o produtor engendra o seu dizer reportando-se a diversas vozes e fortalecendo a força persuasiva do texto, os outros três parágrafos (1º, 3º e 5º) ressentem-se, no entanto, de referência ao discurso de outrem e sinalizam certa fragilidade quanto à persuasão acadêmica. É possível observar que há diversas afirmações e posições teóricas que são retomadas, sem, contudo, se fazer qualquer menção a outros trabalhos e a autores que as sustentaram:

É necessário aqui, apontar **a importância das concepções de língua e escrita** adotadas tanto pelos(as) autores(as) dos LPDs quanto pelo(a) professor(a) de português, **pois é a partir disso que se estrutura o ensino-aprendizagem de língua.** (AC18, p. 58).

Sabemos que a interação se dá entre o eu e o tu do discurso. Para nossa análise, pensaremos o *eu* (aluno) como aquele que produz seu texto e o lança para a apreciação do *tu* (professor ou outro aluno), que, por sua vez, tece comentários acerca da produção do eu [...] (AC18, p. 58).

Esta primeira escrita precisa ser avaliada, seja pelo professor, seja pelo próprio autor do texto, que, então, o revisará para reescrevê-lo. É nesse movimento que um texto é construído **e o aluno precisa ser ensinado a perceber a importância de cada etapa.** (AC18, p. 59).

Podemos ver acima que o produtor ou faz afirmações categóricas, como no primeiro e no terceiro excertos, ou reporta-se a uma concepção teórica, como vemos no 2º excerto, sem sinalizar a sustentação teórica a que remete tais postulações, o que mostra que o dizer do produtor de AC18 acaba ficando fragilizado quanto a sua força persuasiva.

É possível perceber, ainda, afirmações que se revelam fragilizadas do ponto de vista da consistência e do convencimento do leitor justamente porque denotam falta de apoio em trabalhos anteriores.

Diante de problemas recorrentes relativos à prática de atividade de reescrita textual nas salas de aula, surgiu o interesse de investigar se e, como, acontecem as solicitações de reescrita textual nos livros didáticos de português [...]. (AC18, p. 58).

Apesar da importância da reescrita textual, etapa primordial para que os alunos se desenvolvam como leitores/escritores proficientes da língua, **sabemos que ela é, muitas vezes, negligenciada**. Por isso, pareceu-nos importante toma-la como tema deste estudo. (AC18, p. 59).

Nesses dois excertos, um recortado do primeiro parágrafo e o outro do quinto, fica bem evidente que o produtor faz afirmações sobre a reescrita textual, assegurando que tal prática apresenta *problemas recorrentes* ou que ela é *negligenciada*, sem, contudo, apresentar qualquer dado ou estudo que ateste tais situações. Nesse sentido, a ausência de referência a trabalhos que permitam ratificar tais afirmações indica um claro comprometimento da força persuasiva do que é declarado pelo produtor de AC18.

A análise acima aponta que as introduções de AC01 e AC18, independentemente da quantidade de referência ao discurso de outrem mobilizada, revelam comprometimento quanto à força persuasiva, uma vez que seus produtores desconsideram, no mais das vezes, a remissão a autores e trabalhos da área ao longo da introdução, seja quando estão fazendo generalização sobre a temática ou apresentando a contextualização, seja quando estão retomando pressupostos e concepções teóricas.

CONCLUSÃO

Investigar formas e funções da referência ao discurso de outrem e o papel delas na persuasão acadêmica na seção de introdução de artigos científicos produzidos por pesquisadores iniciantes na esfera acadêmica foi o centro de interesse deste estudo. Fundamentados em estudos – em perspectiva sociorretórica e enunciativo-discursiva – que se voltam para a escrita acadêmico-científica, desenvolvemos uma análise da seção de introdução de 20 artigos científicos publicados, por estudantes de iniciação científica da área de Linguística, na revista *Ao Pé da Letra*.

A análise, de natureza interpretativa e de base qualitativa do *corpus*, apontou que, na seção de introdução, os pesquisadores iniciantes: i) mobilizam as quatro formas de

referência ao discurso de outrem da tipologia de Boch e Grossmann (2002), com ligeiro predomínio de duas das formas: evocação e de reformulação; ii) recorrem à maioria das funções de referência ao discurso outrem da tipologia de Boch e Grossmann (2002), indicando o uso das palavras de outrem com funções diversas, com ênfase para *sustentar definições, fundamentar afirmações e demarcar a filiação a uma abordagem teórica ou corrente teórica*. Esses resultados sinalizam que os pesquisadores iniciantes estão familiarizados com diversas formas e funções da referência ao discurso de outrem e que eles, ao passo que demonstram um esforço no sentido de se afastarem de formas mais reprodutivas de uso das palavras de outrem, mantêm um diálogo comumente respeitoso em relação aos autores a que se reportam, no sentido de não questioná-los ou de não se posicionarem mais criticamente.

A análise apontou ainda que, em relação ao papel da referência ao discurso de outrem na persuasão acadêmica, há limitações em relação à quantidade e ao modo como estudos e autores são mobilizados na seção de introdução. Com base no exame de 2 seções de introdução de artigos, foi possível perceber que há recorrentes afirmações categóricas e posições teóricas que não são sustentadas a partir do diálogo com outros trabalhos da área, indicando, assim, uma fragilidade no que diz respeito à força persuasiva do que é declarado pelos produtores.

Compreendemos, portanto, que, embora os pesquisadores iniciantes mobilizem formas e funções diversas nas introduções dos artigos, a persuasão acadêmica dessa seção acaba se revelando fragilizada, uma vez que se evidencia uma forte ausência de palavras de outrem para sustentar afirmações e definições feitas. Entendemos, pois, que a referência ao discurso de outrem, sobretudo quando mobilizada de forma consciente e estratégica, poderia ocupar um espaço mais significativo na introdução dos artigos como condição de fortalecimento da força persuasiva dessas produções. Reside aí, pois, um desafio para pedagogias de ensino de escrita acadêmico-científica voltada para iniciantes nesse universo: explorar as diversas possibilidades de uso da palavra de outrem e seu papel estratégico na persuasão acadêmica, sem perder de vista, além disso, o papel da ampliação das leituras e de diálogo mais profundo e produtivo com a literatura da área.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAZERMAN, C. El descubrimiento de la escritura académica. Traducción de Natalia Ávila Rey. *In*: NAVARRO, F. (Coord.). **Manual de escritura para carreras de humanidades**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2014. p. 11-16.

BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita**. Organização de Ângela Paiva Dionísio e Judith Chambliss Hoffnagel com tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BESSA, J. C. R. Sobre condições de autoria e de produção científica do jovem pesquisador. **Raído**, v. 11, p. 23-41, 2017a.

BESSA, J. C. R. Formas de presença da palavra alheia em artigos científicos de jovens pesquisadores. **Trama**, v. 13, p. 143-178, 2017b.

BESSA, J. C. R. **Dialogismo e construção da voz autoral na escrita do texto científico de jovens pesquisadores**. 2016. 385f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa), Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/138181?show=full>. Acesso em: 23 dez.2022.

BOCH, F; GROSSMANN, F. Referir-se ao discurso do outro: alguns elementos de comparação entre especialistas e principiantes. **Scripta**, v. 6, n.11, p. 97-108, 2002.

BOCH, F. Former les doctorants à l'écriture de la thèse en exploitant les études descriptives de l'écrit scientifique. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 13, n. 3, p. 543-568, set./dez. 2013.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. *In*: GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO – GEGe - UFSCar. **Palavras e contrapalavras – enfrentando questões de metodologia bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p. 19-39.

HYLAND, K. Academic attribution: citation and the construction of disciplinary knowledge. **Applied Linguistics**, 20(3), p. 341-367, 1999.

HYLAND, K. A convincing argument: corpus analysis and academic persuasion. *In*: CONNOR, U.; UPTON, T. (Eds.). **Discourse in the Professions: Perspectives from Corpus Linguistics**. Amsterdam: Benjamins, 2005. p. 87-114.

HYLAND, K. Writing in the disciplines: research evidence for specificity. **Taiwan International ESP Journal**, v. 1, n. 1, 5-22, 2009.

HYLAND, K. Genre, Discipline and identity. **Journal of English for Academic Purposes**, v. 19, p. 32-43, 2015.

HILTUNEN, T. **Grammar and disciplinary culture: a corpus-based study**. University of Helsinki, Jyväskylä, 2010.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LATOURETTE, B. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NAVARRO, F. Géneros discursivos e ingresso a las culturas disciplinares: aportes para una didáctica de la lectura y la escritura en educación superior. *In*: NAVARRO, F. (Coord.). **Manual de escritura para carreras de humanidades**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2014, p. 29-52.

NAVARRO, F.; BROW, A. Lecture y escritura de géneros académicos: conceptos básicos. *In*: NAVARRO, F. (Coord.). **Manual de escritura para carreras de humanidades**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2014. p. 55-100.

PENDERS, B. Ten simple rules for responsible referencing. **PLoS Comput Biol**, 14(4): e1006036, 2018. <https://doi.org/10.1371/journal.pcbi.1006036>.

PETRIĆ, B. Rhetorical functions of citations in high and low-rated master's thesis. **Journal of English for Academic Purposes**, v. 6, n. 3, p. 238-253, 2007.

PINTO, M. da G. L. C. O labor da escrita: uma prática também testemunhada por estudantes. **Diálogo das Letras**, v. 7, n. 3, p. 10-29, 2018a.

PINTO, M. G. L. C. Os meandros da escrita acadêmica. Alguns recados aos estudantes universitários. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 9-27, 2018b.

POLLET, M. C.; PIETTE, V. Citation, reformulation du discours d'autrui. Une clé pour enseigner l'écriture de recherche ? **Spirale**, n. 29, p. 165-179, 2002.

REUTER, Y. De quelques obstacles à l'écriture de recherche. **Lidil**, n. 17, p. 11-23, 1998

REUTER, Y. Analyser les problèmes de l'écriture de recherche en formation. **Pratiques**, n. 121-122, p. 9-27, 2004.

RINCK, F.; BOCH, F. e GROSSMANN, F. Quelques lieux de variation du positionnement énonciatif dans l'article de recherche. **Filologia e linguística Portuguesa**, n. 8, p. 451-464, 2006.

SCHEMBRI, N. Citation practices: insights from interviews with six undergraduate students at the University of Malta. **Language Studies Working Papers**, vol. 1, p. 16-24, 2009.

Recebido em: 17 out. 2022.

Aceito em: 05 jan. 2023.